



RESGATANDO O SILÊNCIO DAS ENTRELINHAS: ENTENDENDO O DITO QUE NÃO FOI DITO

Marcus Tullius Franco **MORAIS**¹

Resumo: A partir da releitura dos *Poemas de Guantánamo: os presos falam* (*Poems from Guantánamo: The Detainees Speak*), procuro discutir e trazer à tona o que os poemas escritos por prisioneiros, tidos como terroristas responsáveis pelo atentado de 11 de setembro de 2001, quiseram, mas não puderam dizer. Apresentados ao mundo pelo professor de direito da Northern Illinois University College, Marc Falkoff, os poemas por ele selecionados e traduzidos tiveram de ser submetidos à censura do Pentágono. Evidencio que os poemas, analisados principalmente sob a perspectiva de cada uma das biografias que o editor apresenta sobre cada um dos prisioneiros, oferecem ao mundo um legado literário proveniente do contexto que produziu, sob circunstâncias atroz, uma poética da dignidade humana. Demonstro como os prisioneiros de Guantánamo são vítimas de um Estado arbitrário e como esses poemas trazem à luz figuras de humanidade contra a fábrica de crueldade da “Guerra ao Terrorismo”. Procurando resgatar o que foi perdido na tradução e na censura do Pentágono, me alio, como tradutor, ao editor, a fim de dar mais força ao que os poemas tentam dizer.

Palavras-chave: Guantánamo; Poemas de Guantánamo; Direitos Humanos; 11 de Setembro; Terrorismo.

Introdução

Além de despertar nosso interesse particular pelo tema, os *Poemas de Guantánamo* também nos fazem questionar a relação da tradução poética com a censura estadunidense. Para tanto, antes de iniciarmos a análise poética e tradutória, gostaríamos de elucidar alguns pontos do cenário político dos Estados Unidos (E.U.A.), que nos permitirão entender como possivelmente se deu a tradução de alguns poemas escritos por prisioneiros muçulmanos isolados no Campo de Detenção da Baía de Guantánamo, criado pelo Estado de George W. Bush, na ilha de Cuba.

¹ estudou Arquitetura e Urbanismo, na Universidade de Brasília (UnB), e Literatura Alemã, na Universidade Livre de Berlim (FU-Berlin). Traduziu *A lenda do santo bebereão*, de Joseph Roth; de Hans Henny Jahnn, *A noite de chumbo* e *Treze histórias singulares*; de Frank Wedekind, *Mine-Haha ou Sobre a educação corporal das meninas*. Atualmente faz Pós-Graduação em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-Mail: ugrino2000@bol.com.br



O ataque terrorista às torres gêmeas do World Trade Center de 11 de setembro de 2001, em Nova York, por extremistas da al-Qaeda, aumentou o ódio já existente no seio da população norte-americana contra árabes e muçulmanos. A partir do *nine-eleven* multiplicaram-se, em várias cidades dos E.U.A., as agressões, as ofensas e as humilhações contra indivíduos do mundo árabe, desencadeando uma onda de prisões, na maioria dos casos sem ordem judicial, deixando ainda mais delicada a já fragilizada relação entre os E.U.A. e os Estados muçulmanos, como o Irã e o Iraque.

A orientação de Osama Bin Laden, líder e fundador da organização terrorista al-Qaeda, contra os E.U.A., tem origem no aparato bélico dos E.U.A. na guerra do Golfo. No início dos anos 80, Bin Laden e seus sequazes do Egito e da Arábia Saudita lutaram no Afeganistão, ao lado dos norte-americanos, contra a Rússia. Naqueles anos, os E.U.A. supriram Bin Laden com armamentos e munição; todavia, diante da guerra do Golfo, levada a cabo pelos americanos, Bin Laden voltou-se contra eles e denunciou a presença militar norte-americana na região como uma afronta ao Islã. Nos anos que se seguiram, Bin Laden construiu uma rede de terrorismo internacional formada por várias organizações. No início dos anos 90 aconteceram os primeiros ataques suicidas coordenados pela al-Qaeda a instituições americanas, culminando com os atentados de 11 de setembro de 2001. Extremistas dessa organização terrorista colidiram dois aviões com as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York; um terceiro avião caiu contra o Pentágono, em Arlington, Virgínia, nos arredores de Washinton D. C.; e um quarto avião caiu em um campo próximo de Shanksville, na Pensilvânia. Não houve sobreviventes em qualquer um dos voos, e o total de mortos nos ataques foi de 2.996 pessoas.

Bin Laden assumiu a responsabilidade dos ataques e os Estados Unidos responderam com o lançamento da Guerra ao Terror.² A essa altura, o presidente George W. Bush deu início a um experimento em território cubano com a justificativa de defender seu próprio país. Suas ordens militares resultaram em prisões e investigação de cidadãos não americanos. O Conselho de Segurança das Nações Unidas decretou uma Resolução (*UN-Resolution 1373*), fundada no Artigo 7 *UN-Charta* (Medidas a serem tomadas em caso de ameaças contra a segurança do Estado, quebra da paz ou ataques

² Cf: http://de.wikipedia.org/wiki/Terroransch%C3%A4ge_am_11._September_2001_in_den_USA (Acesso em 15/12/2011).



terroristas), para o combate ao terrorismo internacional.³

Com a recusa do Taliban, aliado da organização al-Qaeda, de se entregar aos Estados Unidos, estes declararam guerra contra o Afeganistão. No dia 7 de outubro de 2001, os Estados Unidos deram início à Operação *Enduring Freedom*.⁴ Consequência disso foi a prisão, principalmente no Afeganistão, não somente de pessoas envolvidas nos combates, mas também de pessoas suspeitas de pertencerem a al-Qaeda.⁵ Muitos prisioneiros foram levados para Cuba sem direito a uma justificativa dos motivos que os levaram à prisão, sendo-lhes inclusive vetado direito à jurisprudência.⁶ Oficiais norte-americanos justificaram esse procedimento por se tratar da prisão dos “piores e mais perigosos terroristas”⁷ do mundo, afirmando ainda que o Campo de Detenção de Guantánamo não estaria sujeito à jurisdição norte-americana por se encontrar em solo cubano.⁸

Em 11 de janeiro de 2002, ocorreu o primeiro deslocamento de prisioneiros para o Campo X-Ray de Guantánamo, no sudeste de Cuba, com cerca de cento e vinte prisioneiros muçulmanos. Segundo relatos dos E.U.A., esse primeiro grupo era formado por alguns dos mais importantes representantes de Bin Laden, como também por homens que tinham responsabilidade direta com os atentados de 11 de setembro. O novo cárcere foi instalado com formas especiais de penalidades extremas para os interrogatórios. Um exemplo disso é o isolamento dos prisioneiros em celas escuras com temperaturas baixíssimas; outro exemplo, o uso de violência física e da brutalidade da *Extreme Reaction Force*. Soldados armados com escudos, cacetes de borracha e *spray* de pimenta são os algozes responsáveis pelo cumprimento das torturas contra os chamados “foras da lei”⁹, partidários da al-Qaeda, que veem nos E.U.A. “o inimigo número 1 do Islã” e “o único caminho de mostrar essa ameaça e a única língua que o

³ Cf: http://www.documentarchiv.de/in/2001/res_un-sicherheitsrat_1373.html (Acesso em 23/10/2011).

⁴ Cf: http://de.wikipedia.org/wiki/Der_Krieg_der_USA_gegen_den_Terrorismus (Acesso em 23/10/2011).

⁵ Rose, Guantanamo Bay, 49. Cf. também: Human Rights Watch Report <http://hrw.org/backgrounder/usa/gitmo1004/gitmo1004.pdf> (Acesso em 02/11/2011).

⁶ Cf: <http://web.amnesty.org/library/Index/ENGAMR510452003> (13. 12. 2004); também: Human Rights Watch Report em <http://hrw.org/backgrounder/usa/gitmo1004/gitmo1004.pdf> (Acesso em 20/11/2011).

⁷ Cf: Anistia Internacional (Amnesty International), AI Index: AMR. Cf. também:

<http://web.amnesty.org/library/Index/ENGAMR511302004> (Acesso em 17.10.2011); ou Heimrich/Gelinski, Frankfurter Allgemeine Zeitung, 11. März 2004; ou *Leicht*, Die Zeit, 15/2004, http://zeus.zeit.de/text/2004/15/Essay_Leicht (Acesso em 10.11.2011).

⁸ Cf: Gerichtshof prüft Rechte der Häftlinge, Frankfurter Allgemeine Zeitung, 22.04.2004.

⁹ Cf: Human Rights Watch Report, Guantanamo: Detainee Accounts <http://www.hrw.org/backgrounder/usa/gitmo1004/> (Acesso em 20.11.2011).



Ocidente entende é a lógica da violência”; “Dschihad¹⁰, a única opção”.¹¹

O governo Bush manteve cerca de 800 detentos em Guantánamo, oriundos de diversas nacionalidades. Hoje são cerca de 380. A situação jurídica desses prisioneiros é de combatente inimigo (*enemy combatant*), sem fazer jus aos direitos e garantias previstos na Constituição norte-americana, nem receber os benefícios das Convenções de Genebra.¹² Quase uma década após a remoção dos prisioneiros para o local, não foi realizado um julgamento sequer. A prisão, para seus críticos, se tornou um símbolo do desrespeito aos direitos humanos por parte dos Estados Unidos em sua chamada "Guerra ao terrorismo". E como atestam os poemas de Guantánamo, discutidos a seguir, de fato, o aprisionamento desses “terroristas” provou ser no mínimo arbitrário, injusto e desumano.

Do copinho ao papel

No primeiro ano de detenção, os prisioneiros não tinham acesso à caneta e papel, então alguns escreveram poesia com pasta de dente e creme de barbear, ou gravavam seus versos em copinhos de poliestireno. Autoridades americanas procuraram, durante muito tempo, sufocar as vozes dos indivíduos que eles mantêm, até hoje, nesse limbo ilegal. A partir de 2002, materiais para escrever passaram a ser permitidos a alguns dos detentos; no entanto, provavelmente grande parte dos escritos jamais será divulgado. As instâncias militares norte-americanas proíbem a circulação dos textos fora da prisão.

Marc Falkoff, advogado de 17 prisioneiros de Guantánamo e professor de Direito do Northern Illinois University College, E.U.A., reuniu vinte e dois poemas de seus clientes e publicou-os pela Universidade de Iowa, E.U.A., em 2007, com o título *Poemas de Guantánamo: os presos falam (Poems from Guantánamo: The Detainees Speak)*. Falkoff não teve permissão de incluir todos os poemas na edição, além de que cada verso teve de ser submetido ao escrutínio do Pentágono. Em 2006, o Pentágono explicou que vários poemas foram censurados porque essa poesia do cárcere apresenta

¹⁰ *Dschihad* em árabe significa “guerra santa islâmica”.

¹¹ Cf: *Hoffman*, *Studies in Conflict & Terrorism*, 2003.

¹² As Convenções de Genebra são uma série de tratados formulados em Genebra, na Suíça, definindo as normas para as leis internacionais relativas ao Direito Humanitário Internacional. Esses tratados definem os direitos e os deveres de pessoas, combatentes ou não, em tempo de guerra.



um “risco” para a segurança nacional por causa do “conteúdo e da forma”. Os poemas, escritos em sua maioria em árabe, foram traduzidos para o inglês sob a supervisão do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Segundo o organizador, as traduções não fazem jus às sutilezas e às cadências dos originais. (Falkoff, 2007, p. 5). No prefácio à edição, Marc Falkoff fala do projeto da edição: *Comecei pensando no poder das palavras e da poesia, e que o público deveria ler os poemas que meus clientes escreveram*. (Falkoff, 2011, p. 4). O Pentágono não esclareceu o que significa esse perigo encerrado nos poemas, furtando-se de explicar se o perigo estava no poder das palavras ou se havia risco de os poemas conterem mensagens codificadas destinadas a possíveis terroristas em operação.

O subtítulo do livro, *Os detentos falam*, aponta para a seguinte questão: são, de fato, os poetas que “falam” através de sua escritura, no sentido de revelar vidas individualizadas? São essas vozes, de fato, as vozes dos poetas? Em que sentido esses poemas falam, vetados pela censura oficial, traduzidos por linguistas sob censura e aprovados pelo Pentágono de acordo com seus próprios juízos? Assim, um possível subtítulo poderia ser *Os prisioneiros mudos*, ou, quem sabe, *O Pentágono fala*.

Apesar da severa censura militar, os poemas são assombrosamente críticos. *Pela primeira vez, a fala é das próprias vítimas*, enfatiza Weyers, diretor do Landestheater em Memmingen, Alemanha.¹³ Aos poemas mesclam-se as breves biografias. Na página 64 da edição de *Poemas de Guantánamo*, o bardo muçulmano Abdullah Thani Faris AL Anazi escreve:

As palavras do poeta são a fonte da nossa força;
Seu verso é a salvação dos nossos corações doridos.¹⁴

Depois de se vincular a uma organização missionária islâmica chamada Jama’at AL-Tablighi, Usama Hassan Ahmed Abu Kabir, jordaniano, foi preso no Afeganistão, detido por forças antitalibans e entregue a militares norte-americanos. Uma das justificativas de sua prisão é que ele usava um relógio Casio digital, marca supostamente beneficiada por membros da al-Qaeda, e alguns desses modelos são usados como detonadores de bombas. Kabir permanece em Guantánamo, onde escreveu “É verdade?” (“Is it true?”):

¹³ Cf: http://www.focus.de/kultur/buecher/poems-from-guantanamo_aid_234181.html (Acesso em 20.11.2011)

¹⁴ The poet’s words are the font of our power; / His verse is the save for our pained hearts.



É verdade que a erva cresce outra vez após a chuva?
 É verdade que as flores surgirão na Primavera?
 É verdade que os pássaros migrarão para casa outra vez?
 É verdade que o salmão nada contra a corrente?¹⁵

Jumah al-Dossari, 33 anos de idade, do Barein, foi preso pelas forças paquistanesas no final de 2001; em seguida, foi levado para os Estados Unidos. Os militares levaram-no para Guantánamo, onde sofreu maus-tratos e esteve isolado dos outros prisioneiros. Jumah al Dossari tentou suicídio doze vezes na prisão e nega ter qualquer conexão com al-Qaeda e o terrorismo. Muitos prisioneiros já tentaram suicídio, descritos pelos militares como “incidentes de guerra assimétrica” (“asymmetric warfare”). O olhar introspectivo de Dossari é o testemunho da existência ameaçada. Em seu “Poema da morte” (“Death Poem”), lemos:

Tomem meu sangue
 Tomem minha mortalha e
 Os restos do meu corpo.
 Tomem fotografias do meu cadáver na sepultura, solitário.

Enviem-nas ao mundo,
 Para os juízes e
 Para as pessoas de consciência,
 Enviem-nas aos homens de princípio e aos justos.

E os deixem suportar o fardo da culpa diante do mundo,
 Dessa alma inocente.
 Deixem-nos suportar o fardo diante de seus filhos e diante da história,
 Desta alma desolada, sem pecados,
 Desta alma que sofre nas mãos dos “protetores da paz”.¹⁶

Outros poemas denunciam a interdição – os “protetores da paz”, nas palavras do poeta – da justiça; por outro lado, os poemas atestam a humanidade dos seus autores, vilipendiados pelo governo estadunidense e tratados como “os piores dos piores” malfeitores do planeta.

No “Poema de copinho 1” (“Cup Poem I”), Shaikh Abdurraheem Muslim Dost

¹⁵ Is it true that the grass grows again after rain? / Is it true that the flowers will rise up in the Spring? / Is it true that birds will migrate home again? / Is it true that the salmon swim back up their stream?

¹⁶ Take my blood. / Take my death shroud and / The remnants of my body. / Take photographs of my corpse at the grave, lonely. / Send them to the world, / To the judges and / To the people of conscience, / Send them to the principled men and the fair-minded. / And let them bear the guilty burden, before the world, / Of this innocent soul. / Let them bear the burden, before their children and before history, / Of this wasted, sinless soul, / Of this soul which has suffered at the hands of the “protectors of peace.”



pergunta:

Que primavera é essa,
Em que não há flores e
O ar está cheio de um cheiro pestilento?¹⁷

São denominados “Poemas de copinho” por terem sido gravados no fundo de copinhos de isopor. Poemas escritos assim geralmente eram passados de cela em cela para serem memorizados pelos prisioneiros. Muitos deles encontraram na poesia uma forma de manter a sanidade, memorizar os sofrimentos e preservar a humanidade através de atos de criação. Os copos eram coletados com o lixo do dia. De Shaikh Dost não sobrou muita coisa. Dos vinte e cinco mil versos de poesia confiscados do poeta, voltaram para suas mãos apenas alguns deles. “Por que me deram caneta e papel se planejaram fazer isso?”, perguntou Dost a um repórter. “Cada palavra era, para mim, como uma criança: insubstituível.”¹⁸. O poeta, jornalista e ensaísta paquistanês, autor de vinte livros, passou quase três anos em Guantánamo com seu irmão Ustad Badruzzaman Badr. Em 2006, pouco depois de ele e seu irmão terem publicado suas memórias sobre a prisão de Guantánamo, foi novamente detido pela Inteligência paquistanesa e, desde então, encontra-se desaparecido.

Sami al Haj, nascido no Sudão, trabalhava como jornalista cobrindo o conflito no Afeganistão para a rede de televisão AL-Jazeera quando, em 2001, foi detido e torturado na Base Aérea de Bagram e em Kandahara, antes de ser transferido para Guantánamo em junho de 2002. Militares alegaram que ele trabalhava como jornalista para rebeldes Chechenos e para al-Qaeda. Em seu poema “Humilhado nas correntes” (“Humiliated in the shackles”), registrou:

[...]

Fui humilhado nas correntes.
Como posso agora compor versos? Como posso agora escrever?

Depois das correntes e das noites e do sofrimento e das lágrimas,
Como posso escrever poesia?¹⁹

[...]

Sem evidências legais para sua detenção, Sami al Haj foi solto em 2008, seis

¹⁷ What kind of spring is this, / Where there are no flowers and / The air is filled with a miserable smell?

¹⁸ Each word was like a child to me – irreplaceable.

¹⁹ I was humiliated in the shackles. / How can I now compose verses? How can I now write? / After the shackles and the nights and the suffering and the tears, / How can I write poetry?



anos depois de seu encarceramento.

Nos versos do poema “A meu Pai” (“To my Father”), Abdullah Thani Faris al Anazi, que teve ambas as pernas amputadas, lamenta sua dor:

[...]

Ó Pai! Isto é um cárcere de injustiça.
Sua iniquidade arranca pranto das montanhas.
Não sou criminoso nem culpado de ofensa alguma.

[...]

E fui vendido como um carneiro cevado.²⁰

Em seguida, sua acusação sobre a prisão injustificada se transforma em resistência:

[...]

Por Deus, mesmo se me acorrentassem,
Eu jamais trairia minha fé.²¹

Atualmente sabemos que cerca de oitocentas pessoas passaram pela prisão e que uma de cada cinco não pertencia a qualquer movimento terrorista, como no caso do afegão Mohamed Ismail que, em 2002, ao ser detido e entregue aos americanos, tinha 14 anos, e seu propósito era tão-somente conseguir um trabalho na cidade.

Os textos dos poetas encarcerados vão desde poemas combativos até versos que destilam impotência, desespero e desamparo. Os poemas são documentos da dor do cativo, da solidão e da inutilidade da vida.

O Centro de Detenção de Guantánamo, em Cuba, construído para combatentes do Talibã e al-Qaeda, tornou-se sinônimo de arbitrariedade, repressão, ilegalidade, falta de direitos e tortura. Distante e isolada, a prisão não abre suas portas para jornalistas nem para membros das Nações Unidas, e não há diálogo com os prisioneiros. O presidente Barack Obama, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, parece titubear nos assuntos que envolvem os labirintos de Guantánamo. O advogado dos ex-presidiários Murat Kurnaz²² e Bernhard Docke²³ e o representante da Anistia Internacional,

²⁰ O Father, this is a prison of injustice. / Its iniquity makes the mountains weep. / I have committed no crime and am guilty of no offense. [...] / I have been sold like a fattened sheep.

²¹ By God, if they were to bind my body in chains, [...] I would not sell mine.

²² Cf: http://de.wikipedia.org/wiki/Murat_Kurnaz (Acesso em 05.12.2011)

²³ Cf: Entrevista com Bernhard Docke, advogado de Murat Kurnaz: Menschenrecht als Gnadenakt <http://spreegurke.twoday.net/stories/16586138/>



Ferdinand Muggenthaler, sabem: “Não se trata de culpa ou inocência, trata-se, porém, do tratamento que deve ser dado a todo ser humano. Ninguém merece tortura, todos merecem justiça”.²⁴

Além da lírica, Guantánamo nos apresenta um cenário para a reflexão sobre nosso Estado de Direito. Em seu livro *Marcos de Guerra. Las vidas lloradas*, Judith Butler, filósofa norte-americana, fala da construção cultural baseada no respeito pela vida e questiona os mecanismos que estabelecem a diferença entre as vidas que devem ou não ser reconhecidas como dignas de luto. Vidas que definitivamente “não são de todo – ou nunca são – reconhecidas como vida”. O *Outro* faz com que o assumamos como um semelhante, o nosso próximo, com os mesmos direitos que qualquer ser humano. (Butler, 2010)

Sem dúvida sabemos dos terríveis ataques criminosos e injustificáveis às torres gêmeas, onde milhares de pessoas morreram. Todas essas vidas merecem ser choradas. As vidas de *Mohamed Ismail*, 14 anos de idade, e a de centenas de prisioneiros sem relação alguma com o terrorismo, detidos em Guantánamo e tratados de forma desumana, merecem ser choradas também.

Paz, dizem.
Paz na mente?
Paz na terra?
Paz de que tipo?

Vejo-os falar, discutir, lutar ...
Que tipo de paz procuram?
Por que matam? O que estão planejando?

São meras palavras? Por que discutem?
É tão simples matar? Esse é o seu plano?

Claro que sim!
Conversam, discutem, matam ...
Eles lutam pela paz.²⁵

²⁴ <http://www.spiegel.de/video/video-17095.html> (Acesso em 05.12.2011)

²⁵ Peace, they say. / Peace of mind? / Peace on earth? Peace of what kind? / I see them talking, arguing, fighting – / What kind of peace are they looking for? / Why do they kill? What are they planning? / Is it Just talk? Why do they argue? / Is it so simple to kill? Is this their plan? / Yes, of course! / They talk, they argue, they kill – / They fight for peace.



Isso é o que Shaker Abdurraheem Aamer escreve no poema “Eles lutam pela paz” (“They fight for peace”). Shaker Aamer, cidadão da Arábia Saudita, foi preso em 2002. Militares imputaram-lhe vínculos com al-Qaeda, aparentemente porque trabalhava na Fundação beneficente Al-Haramain, no Afeganistão, suspeita de desviar dinheiro para organizações terroristas. Na prisão, conseguiu uma concessão que permitiu aos detentos formar um comitê de queixa para serem respaldados pela Convenção de Genebra. Em setembro de 2005, apenas alguns dias depois da formação do comitê, os militares desfizeram-no. Aamer encontra-se detido até os dias de hoje.

Conclusão

Escritos *atrás das grades*, os poemas de Guantánamo foram compostos com a esperança de alcançar uma audiência além do pequeno círculo de amigos de cela. Eles oferecem ao mundo rasgos da realidade de homens inocentes, detidos sem julgamento e presos em circunstâncias questionáveis. Os poemas reunidos por Marc Falkoff não oferecem uma leitura prazerosa; ao contrário, revelam a violência de um governo e sua arbitrariedade nas práticas de crueldade contra seres inocentes de crimes contra essa Nação. De acordo com documentos dos próprios militares, somente 8% dos detentos são acusados de fazer parte da al-Qaeda, somente 5% foram capturados por forças estadunidenses nos campos de batalha no Afeganistão, e menos da metade são acusados de cometer atos de hostilidade contra os Estados Unidos.²⁶

Sabemos que a tradução dos poemas seguiu determinados princípios; no entanto, mesmo que a censura estadunidense tenha feito uma “reescritura” (para não dizer censura) dos poemas, o aparato estatal, com seu time de tradutores e revisores de textos, não logrou suprimir a revolta, a denúncia, as evidências de abuso e os maus-tratos. Já nos primeiros minutos, uma releitura dessa obra nos soou como um dos mais dramáticos registros do sentimento humano diante da barbárie imposta por oficiais na mais notória prisão dos Estados Unidos. Mesmo desconhecendo as estratégias da tradução e as

²⁶ Cf: Mark Denbeaux and Joshua W. Denbeaux, Report on Guantánamo Detainees: A Profile of 517 Detainees through Analysis of Department of Defense Data”. Seton Hall Public Law Research Paper nr. 46, www.cfr.org/publications/9838 (Acesso em 24/11/2011)



escolhas léxico-gramaticais dos tradutores do Pentágono, os poemas causam-nos forte impacto em nossa representação da realidade. E é difícil não associar os versos sofridos pelos detentos de Guantánamo aos versos rabiscados nas prisões e arcabouços da ditadura e da censura no Brasil.

Abstract: From my reading of *Poems from Guantánamo: The Detainees Speak* I propose to debate and bring to light that which the poems written by the prisoners – so supposed to be the terrorists who were responsible for the September 11, 2001, attacks – wanted to, but could not really say. The poems presented to the world by the Professor Marc Falkoff from the Northern Illinois University College of Law, as well as selected and translated by him, were put under the censorship of Pentagon. I evince that those poems, analysed mainly under the perspective of each biography that the editor shows about each prisoner, introduce to the world a literary legacy which comes from the context that produced some poetry of human dignity under atrocious circumstances. I show how these Guantánamo prisoners are victims of an arbitrary State and how those poems bring to light human characters against the cruel factory of the “War to terrorism”. I become an ally to the editor as a translator when trying to rescue what has been lost during the translation and the censorship of Pentagon, in order to give some strength to what the poems are trying to say.

Keywords: Guantánamo; Poems from Guantánamo; Human Rights; Nine-eleven; Terrorism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Marcos de guerra. Las vidas lloradas*. Trad. Bernardo Moreno Carrillo. Buenos Aires: Paidós, 2010.

FALKOFF, Marc. *Poems from Guantánamo – The Detainees Speak*. Iowa City: University of Iowa Press, 2007.

ROSE, David. *Guantánamo Bay*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 2004.

LESS, Steven. “Country Report on the USA”, in: WALTER, Christian; VÖNEKY, Silja; RÖBEN, Volker, SCHORKOPF, Frank (orgs.). *Terrorism as a Challenge for National and International Law: Security versus Liberty?* Berlin: Springer, 2004.

SITES ACESSADOS:

http://de.wikipedia.org/wiki/Terroranschlag_am_11._September_2001_in_den_USA

http://www.documentarchiv.de/in/2001/res_un-sicherheitsrat_1373.html



http://de.wikipedia.org/wiki/Der_Krieg_der_USA_gegen_den_Terrorismus

<http://hrw.org/backgrounder/usa/gitmo1004/gitmo1004.pdf>

<http://web.amnesty.org/library/Index/ENGAMR510452003>

<http://hrw.org/backgrounder/usa/gitmo1004/gitmo1004.pdf>

<http://web.amnesty.org/library/Index/ENGAMR511302004>

http://zeus.zeit.de/text/2004/15/Essay_Leicht

<http://www.hrw.org/backgrounder/usa/gitmo1004>

http://www.focus.de/kultur/buecher/poems-from-guantanamo_aid_234181.html

http://de.wikipedia.org/wiki/Murat_Kurnaz

<http://spreegurke.twoday.net/stories/16586138/>

<http://www.spiegel.de/video/video-17095.html>

<http://www.cfr.org/publications/9838>

Recebido em 11/02/2012
Aprovado em 12/08/2012